

Renato Ribeiro Nogueira Ferraz

Programa de Mestrado Profissional em Administração -
Gestão em Sistemas de Saúde (PMPA-GSS) -
Universidade Nove de Julho (UNINOVE)
renatobio@hotmail.com

Joel Santos Abreu

Departamento de Educação - Universidade Nove de Julho
(UNINOVE)

*Artigo recebido em maio de 2015 e
aprovado em outubro de 2015.*

QUANDO A CULPA DO MAU DESEMPENHO ESCOLAR NÃO É EXCLUSIVAMENTE DO ALUNO

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir o fato de que o problema de aprendizagem que alguns alunos apresentam, na escola, nem sempre, reside neles. Em busca de solução, equivocadamente, costumam ser encaminhados a especialistas que desempenham todo um trabalho cujos diagnósticos confirmam ausência de déficit de inteligência. Com um pouco de dedicação e engajamento por parte de muitos profissionais da área, é possível combater esta "doença" contagiosa. Todavia, parece que a falta de informação, atualização, ou força de vontade, impedem a solução rápida de problemas cotidianos.

Palavras-Chave: Educação. Recursos pedagógicos. Analfabetismo funcional. Ensino-aprendizagem. Avaliação.

WHEN THE POOR SCHOOL PERFORMANCE IS NOT ONLY A STUDENT FAULT

ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss the fact that the problem of learning that some students have in school, not always, lies in them. In search of solution, mistakenly, often referred to specialists who perform an entire work whose diagnoses confirm the intelligence deficit. With a little dedication and commitment by many professionals, it is possible to combat this contagious "disease". However, it seems that the lack of information, update, or willpower, prevent the rapid solution of everyday problems.

Keywords: Education. Teaching resources. Functional illiteracy. Teaching and learning. Evaluation.

POR QUE O ENSINO NO BRASIL É INEFICIENTE?

Uma temática bastante comum em muitos livros ou periódicos de conteúdos específicos sobre educação escolar é justamente a histórica crítica a respeito da ineficiência do ensino no Brasil, que, há muitos anos, vem apresentando, vergonhosamente, resultados insatisfatórios devido inúmeros motivos (FISCHMAN, 1987). Contudo, este trabalho focaliza, dentro de seus limites, o grave problema de “ensinagem”, que vem preocupando renomados teóricos da área pedagógica, cujas dissertações abrangem questionamentos, busca de respostas e soluções. O elevado número de analfabetos funcionais indica essa triste realidade: os papéis sociais do corpo docente e discente não se cumprem de forma devida e os objetivos alcançados frustram os ideais esperados. Em outras palavras, o trabalho não está sendo realizado de modo proveitoso, provavelmente porque a relação entre professores e alunos costuma basear-se apenas em conteúdos da disciplina, numa formalidade, muitas vezes, desprovida de estímulos de ambas as partes (FISCHMAN, 1987; ALMEIDA, 2004).

Na escola, quem é o culpado: o aluno que não se interessa em aprender ou o professor que não se empenha em utilizar métodos que facilitam a aprendizagem? No século dezesseis, já dizia o conhecido escritor francês, Michel de Montaigne: “Nenhum vento ajuda a quem não sabe para que porto deverá velejar”. Em outras palavras, é caminhando que se faz o destino de quem sabe aonde quer chegar. Pela lógica, é de responsabilidade, sim, do educador, conduzir sua classe, com o máximo de proveito, no processo de transmissão de conhecimento (LIBÂNEO, 2008; MIZUKAMI, 1996). Com urgência, são necessárias novas maneiras de compreensão da prática pedagógica. Se isso não acontece, a “máquina” funciona com engrenagens emperradas e cabe aqui fazer uma angustiada e provocadora pergunta para os que optaram pela cátedra: O que falta para que o exercício dessa nobilíssima profissão deixe de ser um fracasso? A resposta é simples: ter muito boa vontade de praticar formas de ensino que favoreçam o processo de conhecimento dos alunos; essa didática, essa arte só é possível através de atuações de professores (infelizmente, não tão comuns na praça); os vocacionados, que se dedicam ao ofício, de corpo e alma, pela grandeza de espírito de gostar muito do que fazem (MIZUKAMI, 1996; MORAN, 2007).

Uma ensinagem com excelência não é mero fruto do acaso, mas, sim, um produto gerado pelas características positivas daqueles que honram o título de professor, tais quais ser cordial e companheiro de seus “discípulos” tanto em sala de aula quanto fora dela; valorizar, sempre a participação do aluno; ter domínio sobre a matéria a ser ministrada; fazer constantemente atualizações e pesquisas para melhor ensinar; usar roteiro flexível, adequando suas aulas às necessidades dos alunos; ter prazer em ensinar, pois o entusiasmo é percebido pelo aluno; fazer uso de linguagem acessível, não ser rebuscado, prolixo; ser autêntico, não usar “máscaras” e ser respeitoso; tornar o aluno um parceiro no acesso ao conhecimento; estimular o aluno para que o mesmo perceba outros aspectos além do conteúdo, que serão marcantes em sua vida futura (MORAN, 2007; ZABALA, 2007; FREIRE, 2010).

Convém salientar que essas dez virtudes do educador são muito pouco praticadas pelos seguintes motivos: dão a impressão da impossibilidade de serem realizadas, certamente, por parecerem algo que faz parte apenas de um cenário romântico, de um mundo de fantasias, fora da realidade do espaço físico da sala de aulas ou fora dela. Porém, incontestavelmente, não é uma utopia. O que acontece, então? A verdade para ser cristalina vai direto ao ponto, dispensa a diplomacia e apresenta-se com palavras não poupadas pela franqueza de que, lamentavelmente, não muitos profissionais da educação se importam em estabelecer, com seus alunos, relações baseadas nestas qualidades. Segundo Almeida (2004), formadores e formandos são uma combinatória de experiências, informações, leituras, relações, sonhos, imaginação, desejos, frustrações, e o formador não pode esquecer que o saber e a prática do professor que quer formar vai se basear em todos esses processos.

A falta desses elementos positivos em sala de aulas é, sem sombra de dúvidas, a causa de muitos problemas (facilmente evitáveis) oriundos por parte do docente. Por consequência, os conflitos se instalam, tornando esse ambiente escolar uma arena de tensões, desgastes e desinteresses (FISCHMAN, 1987). Eis alguns exemplos do que, sem exagero, acontece: o professor mantém distância e impessoalidade em relação a seus alunos; dirige-se aos alunos com ironia e agressividade; faz uso de roteiro inflexível e não admite interrupções; não organiza o conteúdo a ser ministrado causando problemas na aprendizagem; trabalha a matéria sem explicação tornando a aula cansativa e desinteressante; faz das avaliações um instrumento de punição; usa uma linguagem que o aluno não entende (FISCHMAN, 1987; MIZUKAMI, 1996).

Sob essas condições, óbvio, os alunos não têm como assimilar o que foi “ensinado” e o desastroso feedback vem comprovar o mal feito. E agora? Quem assumirá a paternidade do filho feio? Se é sempre mais fácil achar que a culpa é do outro, logo, a vítima torna-se ré. As deficiências na capacidade de ensinar costumam ser descaradamente transferidas para o lado mais fraco, para os alunos rotulados incapazes de aprender (ZABALA, 2007). É indiscutível que a dificuldade de ensinagem corresponde às dificuldades de aprendizagem do educando. Se o trabalho não é bem direcionado, torna-se improdutivo, realiza-se em vão, não atinge nenhum objetivo, não angaria

méritos, pois, não se educa se não há aprendizagem. Os que se eximem do próprio fracasso usam a velha e conhecida razão inventada que se alega para ocultar o real motivo pelo qual se faz ou deixa de fazer, isto é, para evitar uma dificuldade, o pretexto é sempre o mesmo: os alunos não aprendem porque não são esforçados e portam-se com indisciplina no espaço próprio para lições do ensino (ZABALA, 2007; LIBÂNEO, 2008).

A mudança, nessa vertente, só será possível se o professor, imbuído de muita humildade, perceber e se conscientizar que falhas, em muitos casos, são oriundas de suas próprias ações no exercício de sua profissão (FREIRE, 2010). Caso contrário, o problema, não assumido, permanece e se estende; nem mesmo as famílias ficam imunes das injustas acusações de não dar suporte aos estudantes confiados aos estabelecimentos de ensino. A propósito, estudos afirmam que todos têm condições de se desenvolver e aprender, mesmo os que são criados por parentes, são filhos de pais separados ou os de baixa renda - situações normalmente vistas como definidoras para o fracasso (FISCHMAN, 1987; MORAN, 2007). Fontes confiáveis de pesquisa indicam que, na maioria dos casos, a criança, quando precisa, encontra ajuda exatamente no seio familiar.

O PASSADO AINDA REFLETE NOS DIAS ATUAIS

Há uma urgente necessidade de uma nova consciência, de uma nova linguagem, de uma nova postura a respeito da melhora da situação do sistema educacional brasileiro. É preciso uma revolução ética por parte dos profissionais desta área, pois, já está mais que provado que o exercício da linha didática tradicional é retrógrado, antiquado, improdutivo (GARCIA, 1999). Ainda segundo Garcia (1999), a didática tradicional quase que poderia ser resumida, pois, em 'dar a lição' e em 'tomar a lição'. São reprimidos frequentemente os elementos da vida emocional ou afetiva por se julgarem impeditivos de uma boa e útil direção do trabalho de ensino.

Apesar de algumas disciplinas tais quais Psicologia da Educação e Didática (cujos conteúdos voltam-se ao segmento de estudos e pesquisas que visam apresentar processos psicológicos da educação, oferecendo conceitos que alicerçam um modo de pensar em uma educação que objetiva a diminuição de efeitos negativos da repressão e que o exercício da profissão de professor requer-se qualificações acadêmicas e pedagógicas, para possíveis condições de ensinar, transmitir, a matéria de estudo de maneira que desperte interesse no aluno), ministradas em cursos superiores, que exigem licenciatura por preparar futuros professores, tudo indica que a raiz do passado é profunda e as novas gerações trazem em si resquícios de períodos ditatoriais, opressores, difíceis de extirpá-las. Segundo Codo (1999), é possível constatar que guardamos uma herança pedagógica alheia aos novos dias.

O mundo acadêmico não está isento de vaidades, em que muitos fazem da cátedra um pedestal para ostentações de saberes e em seus discursos egoicos deixam transparecer, aos alunos, superioridade. A influência de tal postura glamourizada desde antigas eras permeia até os dias de hoje. Emoldura-se um modelo falso de realização pessoal tornando a figura do professor um mito, aquele que domina os conhecimentos prontos, concluídos, acabados, incontestáveis (GADOTTI, 2008). Até quando?

Cada geração tem sua linguagem própria e o professor, para ser compreendido ao ministrar suas aulas, deve adequar-se a ela. Caso contrário, seu discurso arcaico não passará de um barulho sem sentido, que, por fim, o deixará em estado de grande desconforto pela sensação de inutilidade e desimportância, pois, aquilo que pretende comunicar não encontra eco no intelecto de seus alunos (GADOTTI, 2008; LIBÂNEO, 2008). Logo, o que justifica o seu ofício?

Neste caso, o passado que perde seu efeito e torna-se improdutivo deve ser colocado no arquivo morto do tempo. Das novas eras vicejam inevitáveis novos conceitos sobre tudo e a educação não está imune a tais mudanças. Assim sendo, não são os alunos que devem se ajustar ao modelo antigo, mas, sim, os "mestres" que precisam se atualizar, caso queiram angariar êxito em seus desempenhos acadêmicos.

O CONTEUDISMO TRADICIONAL

Professores conteudistas, que enchem a lousa de matéria, comentam o assunto superficialmente e que exigem que seus alunos copiem os conteúdos que serão cobrados numa opressora avaliação, transmitem a impressão de que estão fazendo um trabalho correto, cumprindo compromissos que foram estabelecidos durante o período em que foi elaborado o indispensável planejamento de curso (LIBÂNEO, 2008). Agem como se o cérebro dos alunos fossem um recipiente em que se despeja informações "importantes" que se registram para sempre no quadro da memória. Se somente isso bastasse, o ato de ensinar seria algo muito simples, mecânico, reprodutivo, não passaria de um programa de adestramento – método excelente para algumas criaturas irracionais (FISCHMAN, 1987; LIBÂNEO,

2008). Até que seria ótimo. Mas lidar com a mente do próximo não é tão simples assim. Se o discurso não desperta interesse em seus interlocutores, o jeito é modificá-lo ou não dar prosseguimento e partir para outros assuntos que merecem atenção.

Por que muitos professores insistem em empurrar goela a dentro de seus alunos um conteúdo indigesto? Semelhantemente, uma mãe que, baseada no jargão: é bom para a saúde, resolve dar ao seu bebê uma papinha que ele não quer ingerir. Ela força a barra dando colheradas que acabam causando-lhe vômito. Há aulas que os alunos rezam para acabar, pois, será um grande alívio livrar-se do blá-blá-blá primo-irmão das horas que se arrastam. É como, sem fome, serem obrigados a comer um alimento insípido, sem tempero. Não há quem aguente essa espécie de tortura que se opõe ao estímulo. Tenham dó de si mesmo e dos outros! Há tantas coisas erradas que acontecem por falta de informações ou, simplesmente, da boa vontade. Esta, no caso, é a que prevalece na maioria das salas de muitas instituições educacionais.

O ato de ensinar o ser humano é, antes de tudo, uma arte em que se faz necessário muito talento. Tudo para o aluno deve ser significativo e pela importância contida e demonstrada, despertar-lhe o interesse. Depende muito do recurso da persuasão, da forma criativa, emocionada, entusiasmada de quem ministra as aulas. O que é dito deve ser de alta relevância à vida e intelectualidade de cada um (CODO, 1999; GARCIA, 1999; ZABALA, 2007). O mundo e a existência estão mesclados de temas, de experiências enriquecedoras, construtivas que podem ser transmitidas em contextos interdisciplinares com mágico potencial de levar uma pessoa a modificar, até mesmo, o caráter, o comportamento, para melhor.

COMO REALIZAR A COMPENSAÇÃO?

O que não é bom para o professor, não é bom para o aluno. Tudo conspira contra aquele que, sem vontade, sem preparo ou aptidão, envolve-se em atividades que lhe exigem refinada competência. Há determinadas profissões que só devem ser realizadas por aqueles que têm o dom para desempenhá-las (GARCIA, 1999). Em especial, as da área da saúde e educação. Isto, porque, comprometem diretamente os outros, por constituir-se de pessoas que delas dependem. Na teoria, é elevado o grau de responsabilidade daqueles que são assalariados para cumprir devidamente, honradamente a sua função. No caso do professor: ensinar. Porém, sobre a consequente aprendizagem dos alunos, dados estatísticos indicam resultados que comprovam que na prática não é o que acontece (MORAN, 2007; GADOTTI, 2008). Difícil crer que ao fim de uma aula mal ministrada o professor desfrute um abençoado bem-estar de missão cumprida e os alunos saem com a impressão de que valeu à pena o tempo gasto para assisti-la.

Lidar com gente demanda muito cuidado e fineza no trato; trabalhar com a mente das pessoas é preciso, acima de tudo, o emprego de uma bem sucedida arte para transmitir-lhes conhecimentos, humanizá-las, torná-las mais inteligentes, mais sábias, enfim, exercer influências que as tornem melhores (MORAN, 2007; ZABALA, 2007). O profissional da sala de aulas, através de sua dedicação nas atividades, deveria preservar digníssimo prestígio. Se alguns ou muitos, cientes ou não dessa virtude, não se preocupam com seu inestimável valor, o efeito é desastroso: seus nomes servirão de más referências pelo corpo discente e comunidade. Sua herança será a vileza.

É na escolha da profissão, que muitos subjagam a própria vida a uma tortura cotidiana, pelo simples fato de manter-se sobrevivente num serviço, que, mesmo se fosse muito bem remunerado, não proporciona satisfação. Dentre os que obtiveram credenciais para trabalhar numa sala de aulas muitos têm vivido essa condição mesquinha e dramática (GARCIA, 1999; CODO, 1999). Daí, então, empurra com a barriga seus rotineiros afazeres acadêmicos e o seu dia a dia é uma confirmação de que sua existência inútil o torna póstumo. Lógico, que indivíduos que se encontram nessa condição sofrem um cruel castigo paradoxal: despendem exaustivos e desgastantes esforços de não desempenhar corretamente seus deveres. E as horas não passam e o sinal de encerramento das aulas demora a soar! É como nadar contra a correnteza; andar na contramão de si próprio. Que contrariedade! Não seria melhor fazer algo diferente? Há muitas alternativas ótimas de sobrevivência que não prejudicam a formação intelectual de tantas outras pessoas.

A carência de educadores competentes gerou uma espécie de doença de contágio, que levou a educação brasileira para a UTI. Alto índice percentual de brasileiros ainda permanece contaminado pela enfermidade por falta de um antídoto eficaz: ensino de qualidade (ALMEIDA, 2004). Mentes esclarecidas dizem que o governo tem uma grande parcela de culpa pelo interesse de manter o povo na ignorância, que torna a "massa" vulnerável à manipulação de pobres poderes, voltados apenas para seus interesses próprios. Isso é incontestável: a indiferença de muitos, que integram o quadro docente, colabora de modo cúmplice com os que se elegem a cargos públicos (políticos inescrupulosos) e o país do futebol contenta-se com o título de penta campeão mundial ao invés de, mediante um

sistema educacional sério e eficiente, conquistar o patamar realmente glorioso dentre os povos mais instruídos do mundo.

Por outro lado, professores que se sentem realizados em desempenhar seu ofício, cumprem, sem sacrifícios, sua missão. Pode-se dizer que é um condutor de informações capazes, até mesmo, de melhorar a vida de seus alunos, que costumam ser eternamente gratos pela “luz” que lhe foi concedida. Em muitos livros biográficos, célebres personagens fazem menção a um grande professor que eles tiveram a sorte de fazer parte de sua vida estudantil. Não é difícil constatar a influência positiva de um educador na vida das pessoas (ALMEIDA, 2004; LIBÂNEO, 2008). Difícilmente, alguém não terá uma experiência para contar. “Que saudade da professorinha, que me ensinou o $B + A = BA...$ ”. É ou não é gratificante? Mas quem está disposto a fazer a sua parte para receber os louros do reconhecimento profissional?

É preciso, com muita urgência, pôr, logo, em prática a consciência de uma nova política educacional. A paciência é uma virtude que o tempo (não curto) exigirá das futuras gerações para que possam mudar todo o processo pseudo, ou melhor, anti-educacional que vem, há anos, vitimando a capacidade intelectual dos jovens do Brasil. Este sistema estéril de resultados positivos, produtor de “ignorantes” de maneira alguma deve continuar. Nas grades curriculares de cursos superiores contêm disciplinas pedagógicas, tais quais Psicologia da Educação, Didática, etc., que tratam de assuntos especificamente pedagógicos que, juntamente com a esperança, vem preparando novas gerações de educadores. Nem tudo está perdido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discorreu sobre um tema que carece de ser bem mais explorado, discutido no ambiente acadêmico/estudantil em razão da quase absoluta e intencional indiferença daqueles que não assumem os próprios erros por não “funcionar” como o que se espera. Quem questiona o mau empenho do profissional da sala de aulas? Certamente, as vozes ainda são muito tímidas e o que se cogita não ameaça o seu emprego e o “educador”, naturalmente, não tem motivos para se preocupar. Se alguém não tem capacidade de exercer a cátedra, deve ser demitido de seu posto. Antes, porém, fazem-se necessários cursos de qualificação, avaliações de desempenho e um acompanhamento mais rígido em relação à sua ação de ensinar. Os alunos devem ser constantemente testados para que o feedback comprove resultados positivos ou negativos. A autonomia do professor omissa em cumprir de suas obrigações deve ser inibida com denúncias que revelam sua improdutividade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L.R.; PLACO, V.M.N.S. As relações interpessoais na formação de professores. 2ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- CODO, W. Educação, carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes; Brasília, CNTE, Universidade de Brasília, 1999.
- FISCHMAN, R. (org.). Escola brasileira. São Paulo: Atlas, 1987.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa. 41ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GARCIA, C.M. Formação de professores para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.
- GADOTTI, M. História das idéias pedagógicas. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2008
- LIBÂNEO, J.C. Didática. 28ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2008.
- MIZUKAMI, M.N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda, 1996.
- MORAN, J.M. MASETTO, Marcos T. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 13ª ed. Campinas: Papirus, 2007.
- ZABALA, A. A prática educativa como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2007.